

Comportamento Semanal de Mercado

12 a 19 de maio

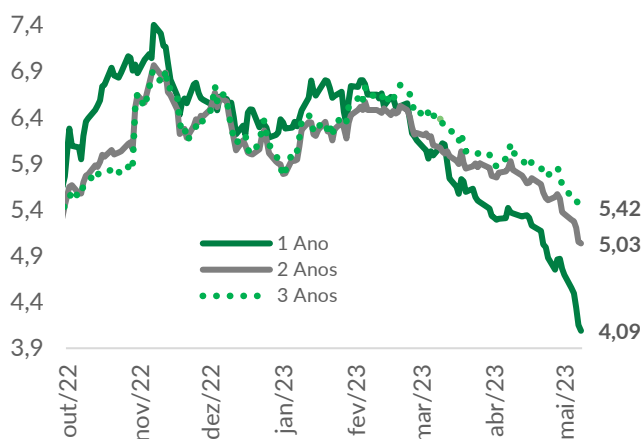


Ajustando-se as expectativas

Com o anúncio da redução nos preços dos combustíveis e da nova política de ajustes da Petrobrás, as projeções para a expectativa de inflação reduziram-se no Boletim Focus de 6,03% para 5,80% para 2023. Ainda distante da meta para o horizonte relevante para a política monetária, a estimativa para 2024 diminuiu de 4,15% para 4,13%. Ajudadas pela apreciação cambial e pelo comportamento dos preços de atacado, quedas mais consistentes são observadas na inflação implícita nas NTN-Bs. Apesar da ausência de uma sinalização do Banco Central acerca do início do afrouxamento monetário, a pesquisa projeta uma redução de - 0,25 p.p. na Selic apenas em set/23. O apreçamento dos prêmios de risco nesta semana deve reagir a votação do novo arcabouço fiscal. No que se passou, o impasse em torno do teto da dívida soberana nos EUA trouxe volatilidade, com um aumento de 0,20 p.p. do rendimento das T-Notes de 10 anos para 3,70% a.a.. Adicionalmente, o dólar ganhou força frente às demais moedas, encerrando cotado a R\$ 5,00, após romper o piso de R\$ 4,90. Na série do acumulado do ano, o IBC-Br em março fechou com uma aceleração de 3,10% a.a. em fev/23 para 3,31% a.a.. Com as surpresas positivas ocorridas nos indicadores de atividade, as projeções quanto ao crescimento do PIB para este ano elevaram-se de 1,02% para 1,20%, movimento que tende a continuar. Por ora, mesmo com a proposta do governo, pouco se alteraram no Focus os números para o resultado primário que se mantiveram em -1,0% do PIB para 2023 e em -0,70% para 2024. Finalmente, nesta semana, será importante monitorar no IPCA-15 de maio o comportamento das medidas de núcleos e subjacentes, sobretudo em serviços, que ainda permanecem em patamares elevados e exibindo uma desaceleração bem gradual, o que justificaria a postura mais conservadora da autoridade monetária.

Expectativas

Inflação Implícita- Títulos Públicos (NTN-B)



Fonte: Anbima. Elaboração ABBC

Em meio às especulações sobre o começo do ciclo de afrouxamento monetário e possíveis alterações no regime de metas inflacionárias, o Boletim Focus mostrou uma relativa melhora nas expectativas. Com o anúncio da redução nos preços dos combustíveis e da nova política de ajustes da Petrobrás, a mediana das expectativas para 2023 passou de 6,03% para 5,80%. A de maio passou de 0,45% para 0,43%, a de junho de 0,50% para 0,34% e a de julho de 0,37% para 0,36%. Para 2024, o horizonte relevante para a política monetária, a estimativa reduziu-se de 4,15% para 4,13%, com a previsão para 2025 permanecendo em 4,0%. A melhora é mais perceptível no mercado das NTN-Bs, com a inflação implícita de 1 ano caindo de 4,69% para 4,09% na semana, a de 2 anos de 5,35% para 5,03% e a de 3 anos de 5,64% para 5,42%.

Com uma previsão de queda inicial de 0,25 p.p. em setembro, a estimativa para a meta Selic continuou em 12,50% a.a. ao fim de 2023, com o prosseguimento da flexibilização, a taxa findaria 2024 em 10,0% a.a. e 2025 em 9,0% a.a.. Com as recentes surpresas positivas dos indicadores de atividade no 1T23, a projeção para o crescimento do PIB em 2023 elevou-se na semana de 1,02% para 1,20%. Porém, houve redução de 1,38% para 1,30% para 2024, enquanto para 2025 a taxa continuou em 1,70%.

Com o movimento recente favorável ao real, a taxa de câmbio voltou a mostrar uma leve apreciação, de modo que a estimativa para o fim de 2023 recuou 1,0% para R\$/U\$ 5,15, permanecendo em R\$/U\$ 5,20 para os termos de 2024 e 2025. Finalizando, as estimativas para as contas públicas apresentaram poucas alterações. A mediana para o déficit primário em relação ao PIB esperado continuou em -1,0% para 2023, caiu de -0,80% para -0,70% para 2024 e de -0,39% para -0,37% para 2025.

Aversão ao Risco

Com os questionamentos acerca da imposição da dívida soberana dos EUA dominando as atenções do mercado, a aversão ao risco apresentou na semana significativa volatilidade. A resistência em se autorizar o aumento do limite despertou o debate da possibilidade de que o país entre em default a partir de 1º de junho.

Ainda, declarações do presidente do Federal Reserve, Jerome Powell, no sentido de que o aperto que se verifica no mercado de crédito bancário reduziria a necessidade de um aperto mais forte nos juros. Ao mesmo tempo, demonstrou preocupações com a inflação de serviços que se mantém persistente e que ainda deve levar algum tempo até que volte à meta.

Nesse sentido, o cenário base é de que a política monetária se mantenha restritiva no médio prazo. Com isso, o retorno dos *treasuries* encerrou a semana com uma significativa elevação, a taxa de 2 anos subiu 0,29 p.p. para 4,28% a.a., a de 3 anos 0,30 p.p. para 3,76% a.a., a de 10 anos 0,20 p.p. para 3,70% a.a. e a de 30 anos 0,11 p.p. para 3,95% a.a..

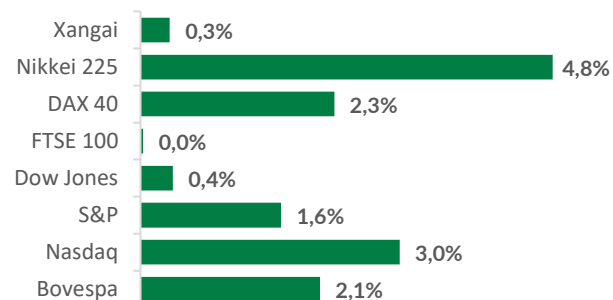
Ainda no mercado de títulos soberanos, o retorno do vencimento de 10 anos do título alemão aumentou 0,12 p.p. no período para 2,43% a.a., enquanto o do Reino Unido subiu 0,18 p.p. em 3,99% a.a..

Mesmo com elevação das taxas de juros, as principais bolsas acumularam ganhos, com destaque para as altas de 3,0% na Nasdaq, de 1,6% na S&P, de 4,8% no índice Nikkei e de 2,3% na Dax 40.

Em linha com o exterior e beneficiando-se dos dados mais positivos em relação à atividade econômica e o anúncio da nova política de preços da Petrobras, o Ibovespa acumulou uma alta de 2,1% na semana. O prêmio do risco soberano, medido pelo CDS de 5 anos, recuou -9,2 bps. para 217,2 bps..

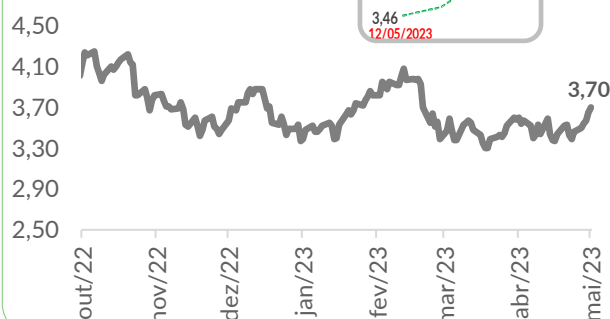
No mercado de *commodities*, houve altas de 1,90% na semana no preço do petróleo tipo Brent e de 2,8% no minério de ferro na bolsa de Qingdao. Por sua vez, a saca da soja negociada em Chicago recuou expressivos -8,9%, em parte favorecido pelo clima favorável no meio-oeste dos EUA, o que deve favorecer o início do desenvolvimento das lavouras.

Bolsas Internacionais Variação na semana



T-Note

Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Economia Internacional

Segundo dados do Departamento do Comércio, as vendas dessazonalizadas no varejo nos EUA cresceram 0,4% em abril, um resultado menor do que o aumento previsto de 0,8%. Apesar desse resultado, a tendência ainda é de um mercado aquecido. Os dados de mar/23 foram revisados ligeiramente para baixo, de uma queda de -0,6% para -0,7%. Por sua vez, as aberturas que excluem automóveis, gasolina, materiais de construção e alimentação, registraram evolução mais favorável, com uma alta de 0,7% em abril. Na comparação com abr/22, as vendas no varejo subiram 1,6%. Já entre fevereiro e abril, houve elevação de 3,1% em relação ao registrado no mesmo período de 2022.

Com uma expectativa de manutenção da estabilidade ocorrida em mar/23, a produção industrial dos EUA cresceu 0,5% em abril. A dinâmica foi impulsionada, sobretudo, pelo setor manufatureiro, com destaque para a produção de automóveis. Na comparação interanual, houve alta de 0,2% no mês, após uma elevação de 0,1% em mar/23.

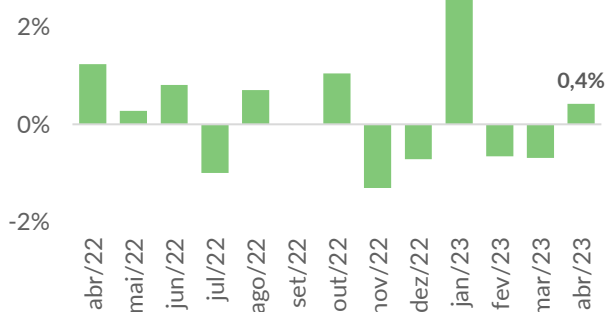
Na China, os dados de abril reforçaram a perspectiva de que a recuperação econômica tem sido heterogênea entre os setores, embora concentrada no consumo privado, sobretudo no de serviços. A produção industrial cresceu 5,6% em abril ante abr/22, após a alta de 3,9% em mar/23, resultado bem abaixo do previsto de uma alta de 10,9%.

Os investimentos em ativos fixos aumentaram 4,7% no quadrimestre, em comparação com mesmo intervalo de 2022, aquém das projeções de 5,3%. Pelo lado da demanda, as vendas no varejo expandiram em 18,4% em abril ante a expectativa de uma alta de 21,0%. Esse cenário de crescimento mais moderado deverá conter os preços de commodities, e até acarretar a implementação de estímulos adicionais por parte das autoridades chinesas.

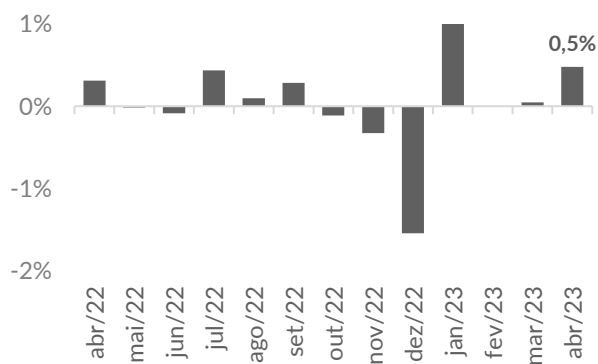
Em um momento em que o Banco Central Europeu (BCE) monitora de perto a evolução dos preços para definir as próximas decisões de política monetária, a inflação anualizada pelo índice de preços ao consumidor na Zona do Euro saiu de 6,9% a.a. em mar/23 para 7,0% a.a., mesmo saindo de uma alta de 0,9% em mar/23 para uma de 0,6% em abril. Na variação interanual, o item alimentação, álcool e tabaco contribuiu com 2,8 p.p., serviços com 2,2 p.p. e bens industriais não energéticos com 1,6 p.p.. Na Alemanha, a inflação ao produtor (PPI) desacelerou de uma alta de 6,7% a.a. em mar/23 para 4,1% a.a. em abril, número para o mês revisado de 7,5% a.a. anteriormente.

Ainda, a produção industrial recuou -4,1% em março, superando as expectativas de queda de -2,0%, após um aumento de 1,5% em fev/23. A retração foi puxada fundamentalmente por bens de capital, com uma redução de -15,4%, além das contrações de -1,8% em bens intermediários, de -0,9% em energia e de -0,8% em bens não duráveis. Na comparação interanual, a queda foi de 1,4%, também acima do esperado (-1,3%). Com esse cenário, o PIB da região cresceu 0,1% no 1T23 em relação ao 4T22 e 1,3% a.a., em linha com o esperado e confirmando as estimativas preliminares.

EUA – Vendas no Varejo
Variação mensal



EUA – Produção Industrial
Variação mensal



Fonte: Board of Governors of the Fed. Elaboração ABBC.

Taxa de Juros

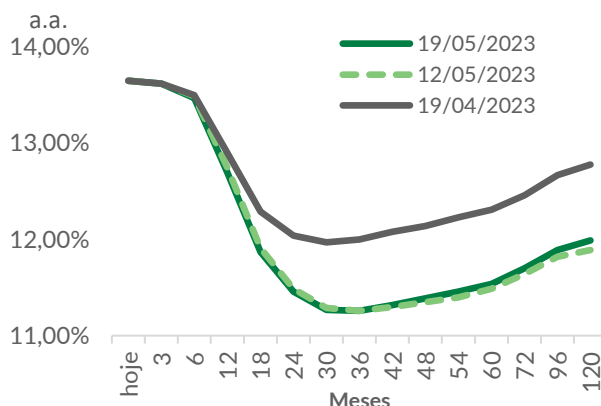
Em relação ao fechamento da semana anterior, com uma queda nas taxas dos vértices mais curtos e aumento nas dos mais longos, ampliou-se ligeiramente a inclinação da estrutura a termo da taxa de juros (ETTJ). O mercado local respondeu às pressões vendedoras nos títulos do Tesouro dos EUA, à especulação acerca da evolução do novo arcabouço fiscal e as surpresas positivas com os indicadores de atividade econômica.

Em relação à 12/05, foram observadas quedas de -0,02 p.p. para 13,47% na taxa de 6 meses, de -0,05 p.p. para 12,70% na de 1 ano, de -0,03 p.p. para 11,46% na de 2 anos. Por sua vez, houve altas de 0,04 p.p. para 11,39% na taxa de 4 anos, de 0,05 p.p. para 11,54% na de 5 e de 0,10 p.p. para 11,99% na de 10 anos.

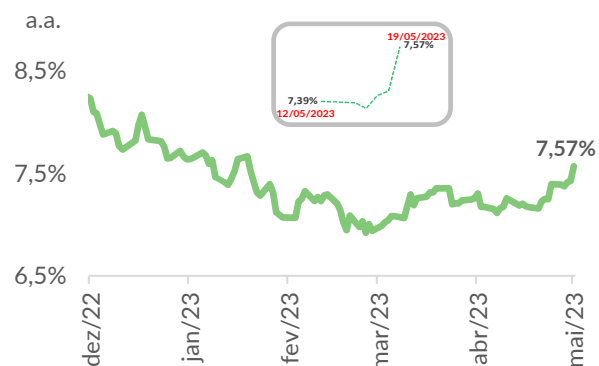
Com a taxa do *swap* DI prefixado de 360 dias em 12,70% a.a. e a inflação esperada para os próximos 12 meses recuando de 4,99% para 4,77%, a taxa real de juros *ex-ante* fechou em 7,57% a.a., o que representou uma alta de 0,17 p.p. na semana, avançando ainda mais em patamar bem acima da taxa neutra de 4,0% a.a. considerada pelo Banco Central.

Finalizando, a medida de risco calculada pelo *spread* das taxas de 10 anos e de 1 ano prefixadas negociadas na B3 cresceu 0,15 p.p., porém permanecendo ainda em patamar negativo, saindo de -0,86 p.p. para -0,71 p.p.. Em linha, o diferencial entre as taxas de juros de 10 anos e de 1 ano, na divulgação de títulos públicos na Anbima, aumentou 0,18 p.p. para -0,54 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros

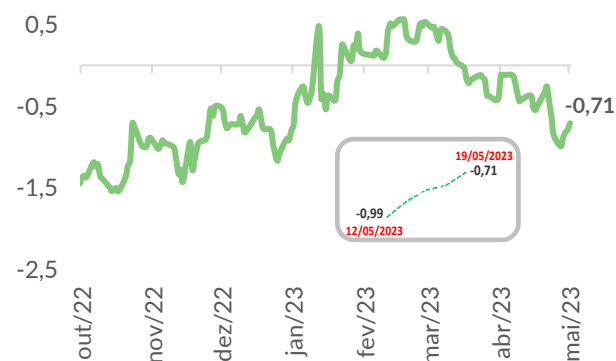


Taxa Real de juros *ex-ante*



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos – em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

Câmbio

Apoiado nas perspectivas de que os juros nos mercados desenvolvidos deverão permanecer elevados por um tempo prolongado, e atento às negociações para a elevação do teto da dívida nos EUA, o dólar ganhou força na semana, tanto em relação às moedas dos países desenvolvidos, quanto às dos emergentes.

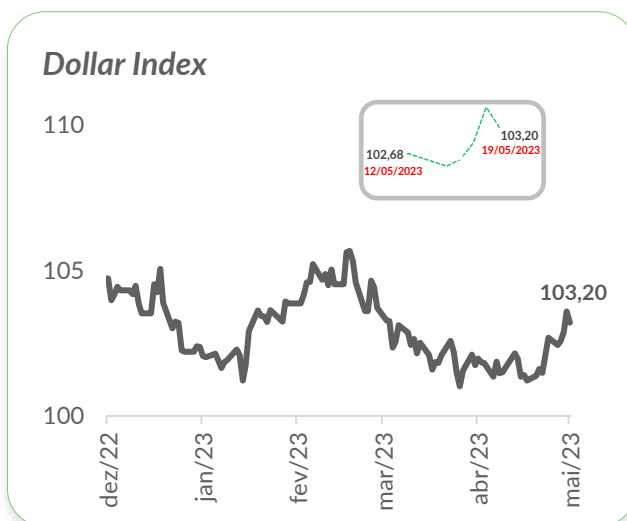
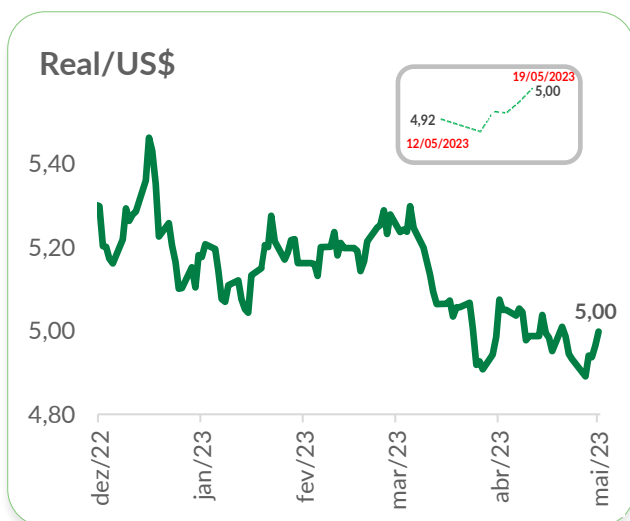
Com isso, o *Dollar Index*, que mede o desempenho da divisa norte-americana em relação às dos países desenvolvidos, avançou 0,50% no período, refletindo as depreciações de 0,41% no euro e de 0,10% na libra esterlina.

Em consonância, o índice que calcula a variação das moedas dos países emergentes frente ao dólar recuou -1,25% na semana, com destaques para as depreciações de 1,70% no peso chileno, de 1,57% no peso argentino e de 1,10% no peso mexicano, além da apreciação de 0,64% no peso colombiano.

Mesmo com a promessa do Banco do Povo da China de conter movimentos especulativos contra a moeda do país e as declarações sobre a importância da estabilidade no mercado cambial, o yuan encerrou com depreciação de 0,76% ante o dólar.

Após romper o piso de R\$ 4,90, o real exibiu uma pior performance em relação à média de seus pares emergentes, encerrando a semana com depreciação de 1,56%, com o dólar cotado a R\$ 5,00. Assim, ao interromper uma sequência de 3 semanas em queda, a moeda brasileira passou a acumular ligeira depreciação de 0,22% no mês. Na semana, pesou ainda sobre as cotações as desconfianças quanto ao rumo do novo arcabouço fiscal.

No ano, a moeda brasileira acumulou uma apreciação de 5,44%, beneficiada pelo fluxo cambial positivo, cujos dados preliminares até 12 de maio apontam ingressos líquidos de US\$ 12,4 bilhões em 2023. Em maio, porém, até o dia 12, o câmbio contratado apresentou saldo negativo de US\$ 881 milhões, decomposto em US\$ 1,6 bilhão de entradas no canal comercial e saídas de US\$ -2,4 bilhões na conta financeira. Ainda, o Banco Central atuou no mercado cambial com a rolagem do swap cambial com vencimento em 03/07/2023.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

***Cesta de Moedas:**

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

IGP-10- Mai/23

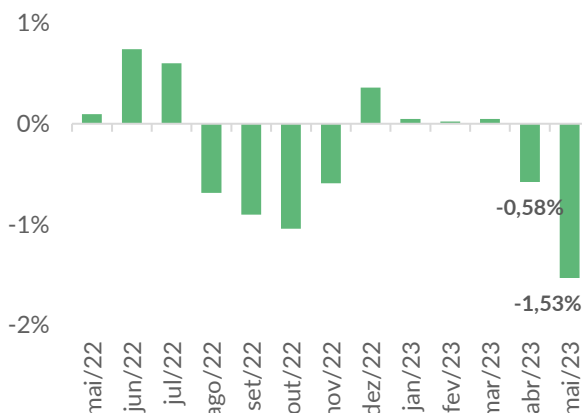
Em maio o IGP-10 variou -1,53%, registrando assim uma deflação 0,95 p.p. maior do que a referente a abril (-0,58%). Trata-se da maior deflação observada pelo índice desde o início de sua série histórica (1993). O resultado fez com que o índice acumulado em 12 meses acentuasse a trajetória de queda, de -1,90% a.a. em abr/23 para -3,49% a.a. (12,13% a.a. em mai/22). O IGP-10 também acumula, em maio, variação de -1,99% no ano.

Na abertura mensal, o IPA foi o único componente a apresentar variação negativa, como em abril, porém de forma muito mais robusta em maio: -2,25% ante -0,96% no mês anterior. Por estágios de produção, a taxa do grupo de Matérias-Primas Brutas acelerou sua queda, destacando-se ao passar de -1,62% em abril para -5,88%. Nesse sentido é válido mencionar as variações no minério de ferro (0,58% para -11,50%), no milho (-2,61% para -12,48%) e na soja (-7,63% para -10,41%). Por outro lado, a taxa do grupo de Bens Intermediários variou bem menos, de -1,59% para -1,08%, assim como dos bens finais, que passou de 0,51% para 0,29%. Com isso, o IPA acumulou uma queda de -6,25% a.a. ante 4,17% a.a. em abr/23 (12,66% a.a. em mai/22)

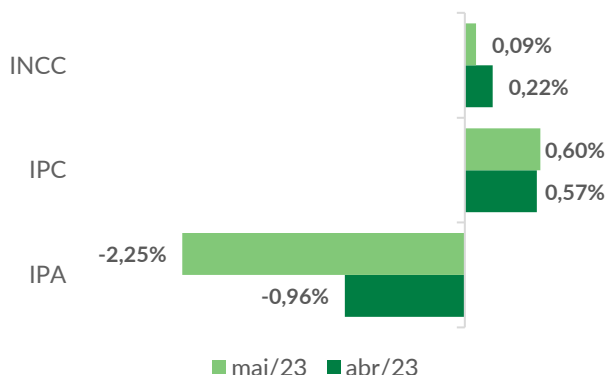
O IPC teve alta de 0,60% na margem (ante 0,57% em abr/23). Assim, fechou com uma alta de 3,57% a.a. contra 3,51% a.a. em abr/23 (10,28% a.a. em mai/22). Dentre as 8 classes de despesa pesquisadas, 5 registraram acréscimo em suas taxas de variação. Quanto a essas contribuições, enfatiza-se Alimentação (0,15% para 1,04%), Saúde e Cuidados Pessoais (0,86% para 1,52%) e Comunicação (0,12% para 1,18%).

Por fim, o INCC apresentou uma ligeira alta de 0,09%, abaixo do registrado em abr/23 (0,22%). Dentre os 3 grupos deste componente, todos tiveram variações positivas. Na passagem de abril para maio, o grupo Materiais e Equipamentos variou de -0,14% para 0,11%; o de Serviços, de 1,07% para 0,42%; e o de Mão de Obra, de 0,38% para 0,01%). Dessa forma, a variação anual do índice fechou em 6,91% a.a. contra 7,61% a.a. em abr/23 (11,30% a.a. em mai/22).

Variação Mensal



Variação Mensal Abertura



Variação Anual



Fonte: FGV. Elaboração ABBC

Serviços – Mar/23

Após recuar -2,9% em jan/23 e crescer 0,7% em fev/23, o volume de serviços elevou-se 0,9% em março, na série livre de influências sazonais. Com um aumento maior do que o 0,5% esperado, o setor acumulou uma expansão de 5,8% no 1T23 ante o mesmo período de 2022.

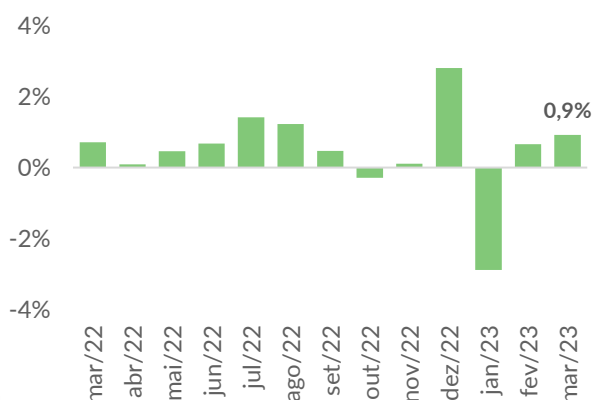
A expansão mensal foi acompanhada por 3 das 5 atividades pesquisadas, com destaque para o setor de Transportes, cuja alta passou de 3,3% em fev/23 para 3,6%, com o segmento acumulando ganho de 7,0% nos 2 últimos meses. Essa dinâmica foi impulsionada pelos transportes de cargas, com alta de 4,7% no mês, compensando parte da perda de -3,3% no transporte de passageiros. Adicionalmente, serviços profissionais e administrativos apresentaram uma alta de 2,6% no mês e serviços de informação e comunicação de 0,2%. Por outro lado, os serviços prestados às famílias caiu -1,7% e os outros serviços -0,6%.

Ainda na série dessazonalizada, a média móvel trimestral apontou queda de -0,5% frente ao nível de fev/23. Perante a mar/22, houve avanço de 6,3%, marcando a 25ª taxa positiva consecutiva. Os resultados deixam um carregamento estatístico positivo de 0,8% para o 2T23 e de 3,4% para 2023.

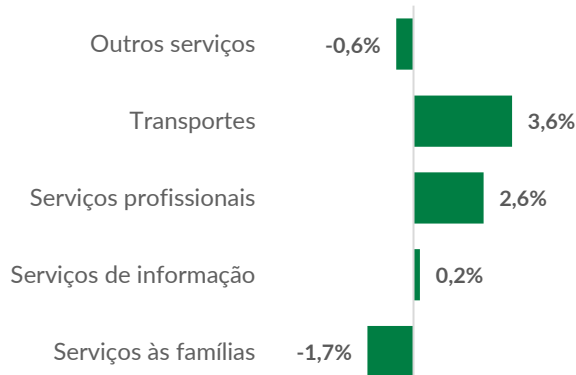
O arrefecimento da inflação indica um viés positivo para o setor. Em março, serviços situava-se 12,4% acima do patamar pré-pandemia (fev/20) e -1,3% abaixo do nível recorde da série (dez/22).

Com sinais de arrefecimento, a variação anual do volume de serviços acumulados em 12 meses ficou em 7,4% a.a. ante 7,8% a.a. em fev/23 e 13,6% a.a. em mar/22.

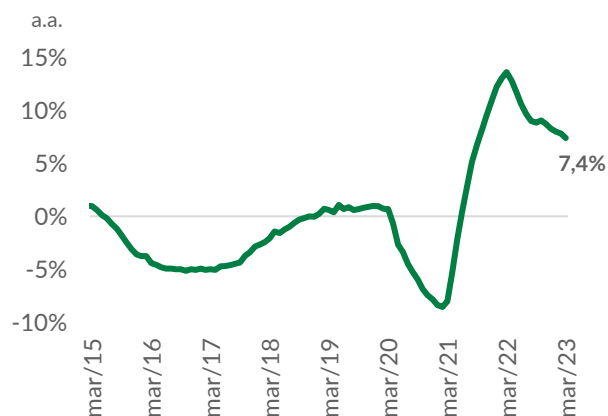
Variação Mensal Dados dessazonalizados



Categorias de Uso Variação Mensal – com ajuste



Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Varejo – Mar/23

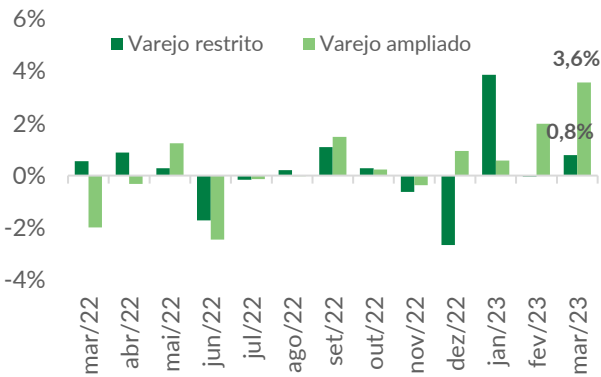
Após a estabilidade em fev/23 e o avanço de 3,9% em jan/23, as vendas no varejo cresceram 0,8% em março no conceito restrito, na série livre de influências sazonais. O número representou a maior elevação para mês desde 2018, quando avançou 1,3%.

No comércio ampliado, onde estão incluídas as vendas de veículos, motos e peças, de materiais de construção e de atacado de produtos alimentícios, bebida e fumo, a expansão foi de 3,6%, após as altas de 2,0% em fev/23 e 0,6% em jan/23.

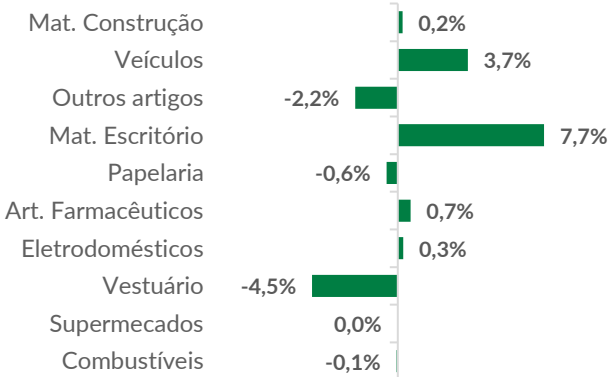
As boas performances nos setores de artigos de informática, farmacêuticos e de hipermercados explicam a dinâmica mensal. Fortemente impactado pela variação cambial, o segmento de equipamentos para escritório, informática e comunicação beneficiou-se da recente apreciação do real e cresceu 7,7% em março, após a queda de -9,9% em fev/23. Já o setor de artigos farmacêuticos, médicos e ortopédicos manteve a alta nas vendas, embora passando de 1,6% em fev/23 para 0,7%. Enquanto a categoria móveis e eletrônicos cresceu 0,3%, após a queda de -1,6% em fev/23. O segmento de veículos acentuou a alta de 1,0% em fev/23 para 3,7% e materiais de construção passou de uma baixa de -1,8% para uma alta de 0,2%.

Com esses resultados, o carregue estatístico para o 2T23 ficou em 0,5% para o comércio restrito e de 3,0% no ampliado. A variação anual do indicador acumulado em 12 meses para o comércio restrito, que conta com segmentos mais sensíveis à renda, arrefeceu de 1,3% a.a. em fev/23 para 1,2% a.a. (1,9% a.a. em mar/22). Na mesma base comparativa, o comércio ampliado, com mais setores dependentes de crédito, encerrou com queda de -0,2% a.a. ante -0,5% a.a. em fev/23 (4,5% a.a. em mar/22).

Varição Mensal
Dados dessazonalizados



Categorias de Uso
Variação Mensal – com ajuste



Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

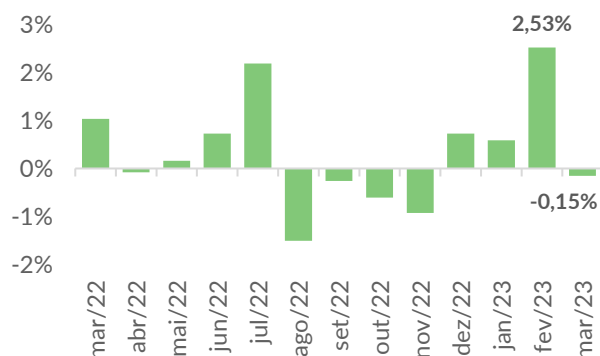
IBC-Br – Mar/23

Na série com ajuste sazonal, o índice de atividade do Banco Central (IBC-Br) apresentou uma queda de -0,15% em março, número abaixo da expectativa de elevação de 0,30%. Ademais, a variação de fev/23 foi revisada de 3,32% para 2,53%. Com isso, o indicador alcançou 147,09 pts., o mesmo patamar verificado em abr/14.

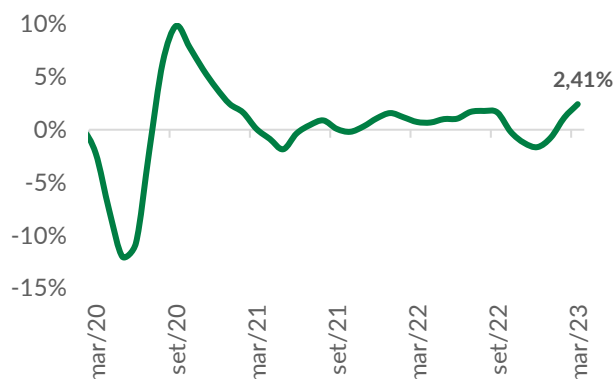
Como medida de periodicidade mensal, que incorpora variáveis consideradas como proxies para desempenho dos setores da economia, a variação foi influenciada pela alta de 3,6% no varejo ampliado, de 0,8% no restrito, de 1,1% em serviços, além da expansão de 0,9% da indústria.

Com a revisão na série dessazonalizada, a média móvel trimestral móvel (MM3) mostrou um crescimento de 2,41% no 1T23 ante -1,65% em 2T22. O carregamento estatístico para o 2T23 é de 0,73% e de 2,77% para 2023. Na série do acumulado em 12 meses, que é mais estável, houve a aceleração de 3,10% a.a. em fev/23 para 3,31% a.a. (4,76% a.a. em mar/22).

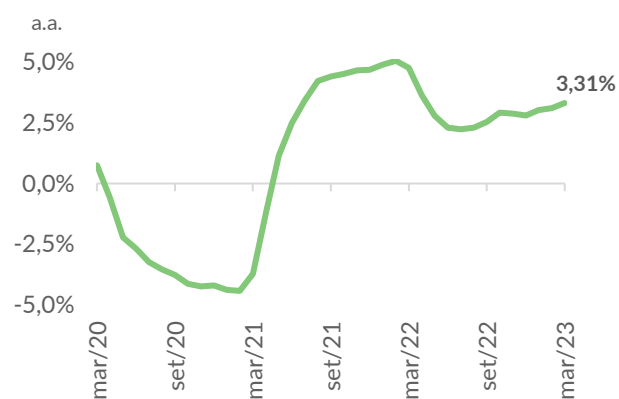
Variação Mensal Com ajuste sazonal



Evolução Trimestral Com ajuste sazonal



Acumulado em 12 meses



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Intenção de Consumo das Famílias (ICF) – Mai/23

Os dados divulgados pela Confederação Nacional do Comércio (CNC) referentes à pesquisa de Intenção de Consumo das Famílias (ICF) revelam que se mantém a tendência de alta desde dez/21, com o indicador atingindo 98,2 pts. em maio, na série livre de influências sazonais. Houve expansão de 2,4% na margem e de 21,7% em 12 meses.

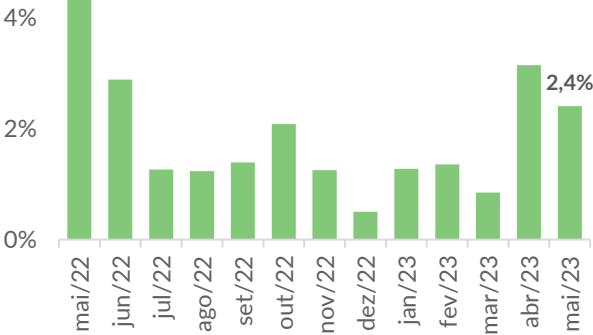
Com crescimento em todas as aberturas nas comparações mensal e anual, a dinâmica de maio foi fortemente influenciada pelo resultado positivo de momento para duráveis, com altas de 5,5% no mês e de 33,1% em 12 meses.

Em seguida destaca-se o nível de renda atual, com expansões de 3,4% no mês e 32,8% em 12 meses. Por faixas de renda, novamente a intenção de consumo avançou nos 2 grupos. Entre os que ganham até 10 salários-mínimos (SM) a alta de 2,3% no mês e de 17,3% em 12 meses relaciona-se à melhora na avaliação da renda e satisfação com o trabalho. Por sua vez, para aqueles que ganham acima de 10 SM, houve altas de 3,1% no mês e 31,2% em 12 meses.

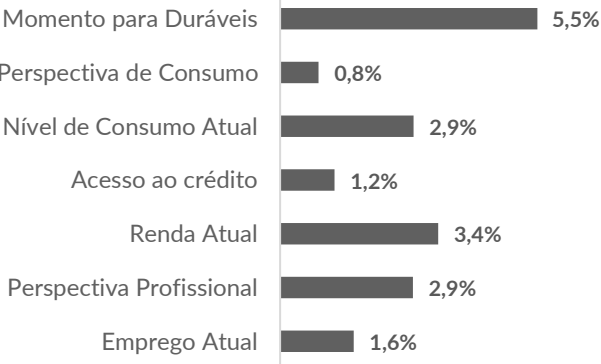
Ainda, favorecido pela conjunção de uma inflação mais baixa e emprego mais favorável, o nível de consumo atual cresceu 2,9% no mês (31,7% em 12 meses), embora o indicador esteja na zona negativa (81,5 pts.).

Cabe destacar que embora os consumidores estejam mais otimistas, o elevado nível de endividamento e os juros altos limitam os efeitos benéficos da maior renda disponível ao consumo.

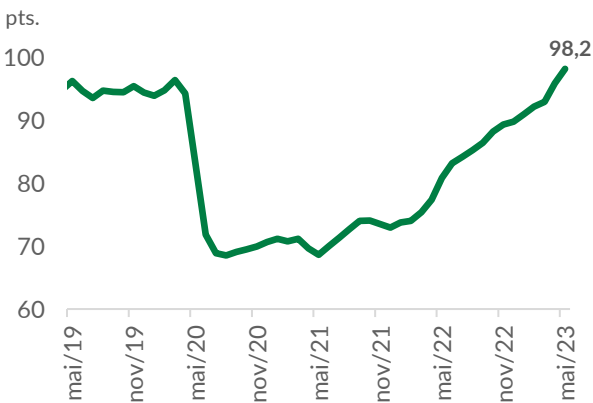
Variação Mensal
Com ajuste sazonal



Variação Mensal
Por grupo – com ajuste



Evolução do Índice



Fonte: CNC. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023E	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	1,0	1,4
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	6,9	8,3
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	9,3	9,0
IPCA (% a/a fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	6,0	4,1
IGP-M (% a/a fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	1,6	4,2
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	12,50	9,75
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	60,0	55,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-47,0	-53,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	80,0	80,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	5,20	5,20
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-1,1	-0,8
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-7,8	-7,0
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	61,0	64,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	77,0	80,0



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688